

# Imersão - Fora do Tempo

FILIPA VENÂNCIO



“In conversations with artists and when considering artworks, my interest is always piqued when I meet a level of complexity that I can’t immediately comprehend. Often what I think of as original ideas are those that propose their own further development. I don’t see talent as mastery but rather as an ability to circumvent final outcomes while still giving form to something new.”

Helga Just Christoffersen (in *RUM, International Edition*, n.º 09,2019, p.64)

Eduardo de Freitas apresentou, nesta exposição individual na *Galeria Marca de Água*, no Funchal, entre 25 de março e 21 de maio de 2021, uma parte do seu trabalho de desenho e pintura que, na sua totalidade, não caberia no espaço da galeria, nem que as paredes ficassem todas preenchidas e revestidas com folhas de papel e telas, juntas e sobrepostas. Seriam precisas muitas paredes desdobradas para que pudéssemos visualizar e conhecer o que tem sido a pesquisa incessante de Eduardo de Freitas na pintura e no desenho, balizada, nesta mostra, entre 1993 e 2021. Já no catálogo da exposição *A Água O*

---

*Corpo A Casa*, em 1993 na *Galeria Porta 33*, António Aragão refere a persistente insatisfação que trespassa no trabalho de pintura de Eduardo de Freitas. Uma insatisfação que o move e que o transforma num incansável obreiro da pintura.

Alguns dos trabalhos apresentados foram recuperados de outras exposições, outros são inéditos recentes (ou não). Muitos nunca estiveram expostos ao público, porque nunca saíram das pastas profusamente cheias de desenhos que podemos encontrar no seu atelier.

E esta exposição propôs isso mesmo. Uma transposição do espaço íntimo do atelier para o espaço da galeria, formulada de modo a possibilitar uma imersão em diferentes fases do trabalho do artista. Uma revisitação a um corpo de trabalho, que é um eterno contínuo. Não existe uma linha sequencial, cronológica, na apresentação destes trabalhos, que percorrem os três pisos da galeria. Podemos encontrar, lado a lado, ou frente a frente, desenhos ou pinturas produzidas em épocas muito diferentes e provenientes de várias mostras, não obedecendo a disposição espacial, a uma ordem temporal, diacrónica. A relação de proximidade entre os trabalhos materializa-se ora por afinidades expressivas, ora por contradições estilísticas intencionais.

Através desta *Imersão*, Eduardo de Freitas questiona o seu próprio processo de trabalho e revela-o através duma profunda consciencialização dos materiais e procedimentos que utiliza tanto no desenho como na pintura, nos desenhos que parecem pinturas e nas pinturas com aparência de desenhos.

Trata-se de um trabalho que comporta vários níveis de complexidade e de exigência, que tanto o caracteriza, pela aproximação a uma abstração, onde ainda é possível vislumbrar resquícios figurativos. Parece que, em Eduardo de Freitas, a figuração, que decorre da observação do real, vem rivalizando com uma outra, imaginada, mais profunda, mais poética e interior. Encontramo-nos perante um território que requer disponibilidade e tempo para a sua fruição, que propõe uma reflexão sobre o tempo, sobre a ideia de paisagem e sobretudo sobre o próprio trabalho.

É uma exposição *Fora do Tempo*. Que nos oferece mundos intangíveis, oníricos, metafóricos. As pinturas elípticas e circulares não se nos afiguram como janelas, mas sim como lentes ou espelhos côncavos e convexos que nos impelem para dentro ou para fora, consoante o olhar. O próprio suporte da pintura, por vezes, é propositadamente intervencionado no seu verso e a pintura assume o lugar mágico de uma caixa quadrada que contém outros mundos no seu interior.

E depois temos os títulos. Títulos que são poemas: “Circunscrever o incêndio”, de 2002; “Ícaro a baixa altitude”, de 2004; “Figuras Fumo”, 2003; “As máquinas que desejam encenam a sua sedução”, da exposição *Três andamentos*, de 2006; “Incurso em território minado”, da exposição individual *Zooming*, de 2007; Série “Pó”, da exposição *Linha de Partida*, coletiva de 2009; “Grande espelho elíptico”, da exposição individual *Rumor do Mundo*, 2013; “Bomba Térmica”, 2015; “Constelações”, de 2018; ou “Pássaros embalsamados”, de 2019.

Por vezes também encontramos inscritas na pele da pintura frases que a comprometem:

“Os vidros partidos da minha casa – floresta”

“À noite fora de casa - céu”

“Eco do jardim - pele”

“Em lado nenhum - epílogo”

“Tu próprio fazes o tempo.  
Os relógios são os sentidos.  
Se fizeres cessar a tua inquietação,  
o tempo acaba”

Angelus Silesius- (1624-1677)  
*A rosa é sem porquê*

**Filipa Venâncio**

É licenciada em Artes Plásticas/Pintura pelo Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira - ISAPM em 1991. Concilia o exercício na docência desde 1988, com a prática artística. Como pintora expõe regularmente desde 1987. Participou em inúmeras exposições coletivas e em parceria, mas privilegia os projetos a solo, contando com 13 exposições individuais no seu currículo artístico, que podem ser visitadas no seu site pessoal ([www.filipavenancio.pt](http://www.filipavenancio.pt)). Destacam-se *Casa da Capela*, na Capela da Boa Viagem, Funchal, em 2021; *Playground* na *Galeria Marca de Água* em 2019; *A Fábrica do Açúcar de Filipa Venâncio – Testemunhos de uma indústria*, no *Museu de Arte Sacra do Funchal*, em 2018; *Estilo Maison*, na Sala da Delegação da *Ordem dos Arquitetos* da Madeira, em 2015; *O Lugar dos Prazeres*, na *Galeria dos Prazeres*, em 2012; *Andar Modelo* no *Museu de Arte Contemporânea*, Funchal, em 2009; *A Fábrica do Açúcar*, na *Galeria da Quinta Palmeira*, em 2008; e *Presépio a 150 metros*, na *Casa das Mudanças* em 2007.

Pertence ao quadro da Escola Secundária Francisco Franco (ESFF), desde o ano letivo 2002/2003, fazendo parte do grupo de recrutamento 600 – Artes Visuais. Foi assistente convidada na Universidade da Madeira, no Departamento de Arte e Design e no Departamento das Ciências da Educação, entre 2001 e 2006. Foi Coordenadora da *Galeria de Arte Francisco Franco* da ESFF, desde 2014 até 2019, onde procedeu à curadoria de várias exposições de artistas tais como: Paulo Sérgio Beju, Martinho Mendes, Andreia Nóbrega, Carla Cabral, Cristiana de Sousa, Hanamaro Chaki e Filipe Gomes. É autora de vários textos sobre o trabalho de diferentes artistas, apresentados em diversas publicações e catálogos. Encontra-se requisitada desde setembro de 2019 na Direção Regional da Cultura, desempenhando funções técnico - pedagógicas nos serviços educativos da *Quinta Magnólia - Centro Cultural*, onde participou na curadoria partilhada da exposição – *Recomposição* do escultor Ricardo Vellozo, em 2020.